

# Reflexões sobre os resultados eleitorais na Comunidade de Madri

Via [Viento Sur](#)

Os resultados das eleições na Comunidade de Madri foram históricos e poderiam ser objeto de extensas teses de doutorado nas áreas de sociologia e ciência política. A ala direita tem varrido com uma alta participação de forma generalizada na grande maioria das cidades e vilas de Madri. Uma vitória eleitoral da reação tem sempre consequências negativas. Para começar, tem um impacto negativo sobre o eleitorado de esquerda e inevitavelmente tem um efeito desencorajador e frustrante sobre o ativismo social, sindical, de vizinhança e político. Mas para reverter a situação atual, é necessário primeiro compreendê-la com uma análise rigorosa da classe. Vários fatores contribuem para o sucesso na imposição de um modelo econômico e sociopolítico radicalmente neoliberal em Madri. Não podemos mergulhar em todos eles de uma só vez. Podemos falar sobre o uso demagógico da imigração, a gestão da pandemia e a ascensão do nacionalismo espanhol como aglutinador da direita. Mas estes são fatores que não explicam tudo. É muito provável que alguns deles já existissem antes da irrupção do Vox e da propagação da trágica pandemia do coronavírus. Por exemplo, o caráter centralista de nosso sistema, que se traduz na concentração das sedes de grandes empresas, órgãos judiciais e militares, altos funcionários do Estado, etc. Uma grande parte da elite econômica e política espanhola de diferentes graus vive em Madri.

Há uma combinação de causas, algumas delas estruturais e particularmente complexas. Não podemos esquecer que a Comunidade de Madri está há décadas na vanguarda das políticas conservadoras, reacionárias e neoliberais. Por muitos anos,

privatizações e um constante enfraquecimento do setor público em favor do setor privado têm sido aplicadas. Esta política tem sido executada pelos governos a serviço dos interesses empresariais em uma defesa escandalosa do setor mais rico da sociedade. As políticas neoliberais significaram profundas mudanças sociológicas, ideológicas, urbanas, trabalhistas, de pensamento, etc., que tiveram consequências políticas e ideológicas que foram prejudiciais à esquerda e benéficas para a direita. Falamos de hegemonia ideológica da direita e, para nosso pesar, hoje Madri é um turbo-capitalismo, onde o capital privado conseguiu ganhar força e terreno em tudo. Tivemos uma prefeita de Madri, Ana Botella, com declarações contínuas que depreciam os efeitos da mudança climática. Suportamos um presidente da CEOE, Díaz Ferrán, agora na cadeia, dizendo abertamente que “Esperanza Aguirre é vulgar”. Tivemos um ex-presidente da Comunidade na prisão, Ignacio Gonzalez, que foi encontrado em casa 900.000 euros em dinheiro quando ele foi preso. Sem mencionar que uma vereadora e ex-prefeita do PP disse em público que as feministas eram mulheres “amargas e mal-sucedidas”. Sem mencionar a trama Gurtel, ou a Púnica, com o financiamento de empresários para o PP e suas campanhas eleitorais.

### **Governos a serviço da saúde e da educação privada e subsidiada**

Se analisarmos o âmbito educacional, descobrimos que na Espanha a educação privada e subsidiada tem aumentado em comparação com a educação pública. Um estudo de 2017 indicou que na Espanha há menos alunos no ensino público do que a média europeia. Enquanto na Europa o número médio de estudantes no ensino público era de 81% na Espanha era de 68% [1]. Entre 2007 e 2017, o investimento na educação pública cresceu 1,4%, enquanto a educação subsidiada pelo Estado se beneficiou de um aumento de 25% [2]. Em 2019, foi publicado um estudo indicando que as escolas privadas e charter duplicaram sua renda em 13 anos. Não estamos falando de um problema exclusivo de Madri, mas não esqueçamos que a Comunidade de

Madri geralmente está à frente dos estudos e estatísticas relativas às escolas privadas e subsidiadas e aos estudantes matriculados nesses centros. Em 2011, a Plataforma Soy Publica, realizou um estudo indicando que Madri era a única Comunidade Autônoma que tinha mais escolas privadas que públicas, especificamente 1.605 públicas contra 1.651 concertadas ou privadas. Dados da própria Comunidade de Madri em 2018 indicavam que em dez anos, do ano acadêmico 2007/08 ao 2017/2018, dos 167.057 novos alunos, 128.937 foram matriculados em escolas particulares ou subsidiadas, o que representa 77,7% do total [3]. Sob o pretexto da liberdade de escolha e enquanto as escolas públicas estavam sendo reduzidas, o investimento do gasto público em acordos com escolas charter aumentou ano após ano. Em 2006 foi publicado que as escolas do Opus Dei em Madri que segregam os alunos por sexo foram subsidiadas com dinheiro público [4]. Os gastos públicos com educação subsidiada em Madri passaram de 13% em 2002 para 19,7% em 2017, muito longe dos 8% gastos nas Ilhas Canárias. Madrid ocupava o segundo lugar no ranking de gastos públicos em educação concertada, sendo superada apenas pelo País Basco. Pelo contrário, um relatório do BBVA apontou que Madri é a Comunidade com menor gasto público em educação, sendo o País Basco o primeiro [5]. Ou seja, de 17 Comunidades Autônomas, há 16 que investem mais na educação do que em Madri. Portanto, o esquema de Madri se baseia na diminuição dos investimentos na educação pública, gastando menos do que qualquer outro, e ao mesmo tempo aumentando os investimentos na educação subsidiada até se tornar um dos primeiros.

Como se isso não fosse suficiente, o dinheiro também é doado ao setor privado. No ano passado, o El País publicou que a Comunidade de Madri gastou dinheiro público em bolsas de estudo para vagas no ensino médio privado [6]. É simplesmente a última gota que um governo paga àqueles que querem estudar em uma etapa educacional não obrigatória em escolas particulares. Os vales escolares proliferam e aumentam para pagar aqueles que não estudam na rede pública. Em 2018, os

gastos com esses cheques aumentaram em 28%, atingindo 1100 milhões de euros [7]. No ano passado, 51,2 milhões de euros a mais do que o previsto no orçamento foram doados ao sistema de educação subsidiado [8]. Além disso, os governos da Comunidade de Madri vêm entregando edifícios públicos, terrenos e parcelas de terreno para a construção de centros subsidiados e privados. A UGT denunciou que com esta prática [9] 82 lotes de terra haviam sido entregues entre 2000 e 2013, a preços irrisórios, com um escudo durante várias décadas e, às vezes, com o Opus Dei como beneficiário. Estamos falando de quase dois milhões de metros quadrados cedidos. A educação pública tem sido degradada a níveis muito preocupantes, enquanto a educação privada e subsidiada tem sido promovida, criando uma rede de interesses favoráveis à direita. Um falso senso de status e elitismo tem sido fomentado entre um setor de famílias com crianças na educação privada e subsidiada, o que é acompanhado pelo “medo da esquerda”. Um artigo recente no jornal La Razón foi intitulado “La escuela concertada teme un gobierno de izquierdas”, no qual o secretário geral de Escuelas Católicas de Madrid disse: “Se houver uma mudança de governo, vamos ter um mau momento”, acrescentando que a esquerda viria “para governar com uma faca entre os dentes contra a educação privada” [10].

Na realidade, acontece que os governos de Madri asseguram em público que defendem igualmente as escolas públicas, privadas e públicas subsidiadas pelo Estado. Então, na prática, eles desacreditam e degradam a escola pública, e privilegiam a escola charter para que ela tenha mais atrativos (muitas vezes falsos e enganosos), infra-estruturas, recursos, menos superlotação, etc., para criar a sensação de que colocar as crianças na escola pública ou voltar para ela deve ser um horror, pensando que as diferenças são abissais. Portanto, eles tentam forjar uma mentalidade comum para desprezar e/ou fugir da educação pública. Eles criam o terreno fértil através da mídia reacionária para semear o pânico de que “a esquerda está vindo para forçar você a levar seus filhos para a escola

pública”. Esta situação construída e calculada através de decisões políticas planejadas tem apenas uma saída, que pode ser resumida em um compromisso de esquerda e corajoso para acabar de uma vez por todas com os concertos e aumentar drasticamente o investimento na educação pública e sua qualidade em todos os sentidos.

Também na área da saúde, o setor privado foi impulsionado em relação ao setor público. Madrid é o líder em seguros de saúde privados, não sendo superada por nenhuma outra Comunidade Autónoma. Um quarto de todas as apólices de seguro de saúde privado na Espanha é contratado por pessoas de Madri. Por outro lado, estamos na base dos gastos em saúde pública, tanto em PIB quanto em euros por habitante, dedicando 3,6% do PIB. Nenhuma comunidade investe menos em Saúde nestes termos. Por sua vez, um em cada dois euros investidos na saúde é destinado ao setor privado [11]. Mais da metade dos hospitais de Madri são privados. Além disso, há vários estudos que indicam que a privatização e a gestão privada implicam em excessos de custos para o erário público. O Tribunal de Contas apontou em 2018 que o atendimento de pacientes em hospitais privados de Madri custou seis vezes mais do que o atendimento em um hospital público. Por outro lado, foi normalizado que as empresas controladas por Florentino Pérez obtiveram constantemente contratos milionários com a Comunidade de Madri, às vezes graças à privatização de serviços até então realizada na rede de saúde pública. A Ayuso concedeu sete milhões de euros à Clece, uma subsidiária da ACS, para a limpeza de hospitais como o IFEMA. Estamos falando de práticas naturalizadas que causam cada vez menos escândalo. O mesmo acontece com a relação entre o futebol e os interesses comerciais. Um executivo do Real Madrid declarou no jornal Como em dezembro de 2013 que na caixa Bernabéu “as pessoas mais importantes do mundo da política, do judiciário, da administração, dos grandes negócios e da mídia”, e que “Florentino hasteia a bandeira para que Madrid tenha uma reunião com o presidente de qualquer país ou com as empresas mais importantes”, e até

mesmo que “ele usa as turnês para fazer negócios para a ACS ” [12]. Neste sentido, é preocupante que, diante de uma situação tão óbvia, quase não tenha havido protestos contra a proposta da Superliga Europeia apoiada por Florentino. Nada a ver com a rebelião produzida entre fãs ingleses de equipes como Liverpool, Chelsea ou Manchester United.

### **O movimento operário em Madri ontem e hoje**

A classe trabalhadora na região de Madri mudou significativamente nos últimos 40 anos. A sociologia urbana, a vida social, a paisagem física, urbana e industrial, os modos de vida e pensamento, os dispositivos culturais, etc., mudaram significativamente. Quase não há restos dessas concentrações industriais em numerosos bairros e cidades da periferia, caracterizados por zonas industriais com grandes fábricas que empregam um grande número de trabalhadores, onde a atividade e organização sindical foi significativa. Havia inúmeras empresas fabricantes nas quais eram feitos biscoitos, brinquedos, roupas, etc. Mesmo em empresas de médio porte deste tipo havia uma organização sindical. Nos bairros havia um forte movimento e organização do bairro. O sindicato, o bairro, o local de trabalho, a associação de bairro eram pontos de encontro coletivo onde o apoio mútuo era difundido. Estamos falando de um contexto sócio-político que perdemos, e que está cada vez mais esquecido. Em Madri, temos exemplos muito recentes de Memória Histórica. Nunca se deve esquecer que em Parla, em uma manifestação de bairro em 1979 contra a escassez de água, um menino de 14 anos, Ursino Gallego, morreu como resultado de acusações policiais [13].

Por outro lado, hoje, quando a construção de shopping centers é percebida naturalmente, e mesmo como algo positivo, a enorme luta dos bairros dos anos 70 e 80 contra a construção do shopping La Vaguada é esquecida. Vizinhos, trabalhadores e pequenos comerciantes exigiam que a prioridade fosse a de instalações sociais. O movimento “La Vaguada es nuestra” foi criado, e mobilizações extraordinariamente maciças ocorreram.

Havia um sentimento coletivo de que o centro comercial não era uma necessidade social para o bairro, e que teria efeitos negativos sobre as pequenas empresas. Embora sua construção não pudesse ser interrompida, um movimento organizado e reivindicativo conseguiu obter concessões, tais como a construção de uma biblioteca, parque, áreas verdes, piscina municipal, centro de saúde, etc., em troca. Hoje em dia, tal coisa seria impensável. Neste sentido, o modelo atual de planejamento urbano não é suficientemente desafiado, e há aspectos que não são questionados. Foi promovido um modelo de habitação fechada isolada do exterior em baias, com instalações exclusivas. Desta forma, você pode ir ao centro comercial usando seu carro, que chega à garagem a partir do elevador, sem a necessidade de se conectar à rua. Este tipo de modelo de habitação é equiparado a uma identidade de elitismo e status que carrega uma série de implicações ideológicas. Enquanto isso, ainda não temos um enorme estoque de habitação pública, bem equipado e de qualidade. E ainda é impossível ter acesso à moradia sem se endividar num contexto de preços escandalosamente altos e baixos salários.

Os planos de conversão comercial dos anos 80 foram bem sucedidos. A fábrica de refrigeradores Kelvinator em Getafe fechou em 1984, deixando 2.400 trabalhadores na rua. Entre 1982 e 1984 houve 6.090 despedimentos devido ao fechamento de empresas somente em Getafe [14]. A fábrica de elevadores Boetticher em Villaverde fechou em 1992. As fábricas que não fecharam passaram por reestruturações e passaram por processos de subcontratação e degradação das condições de trabalho, e em muitos casos acabaram fechando. Um exemplo que podemos citar deste tipo é o Standard Eléctrica, localizado na estrada de Toledo perto de Villaverde, que fechou definitivamente em 2001. O movimento operário e de vizinhança foi capaz de convocar greves setoriais e locais com um seguimento extraordinariamente maciço contra o desemprego e os fechamentos, como as de 1980 em Fuenlabrada, e Getafe em 1981 [15], e maio de 1982 [16]. Mas apesar da massividade das

lutas, a maioria delas terminou em derrota. Ao mesmo tempo em que centros emblemáticos e fábricas estavam sendo fechados, novos parques industriais estavam sendo criados, empresas do setor de serviços estavam aumentando, e centros comerciais estavam sendo abertos. Estas transformações industriais mudaram radicalmente vários bairros e municípios. O bairro da famosa Colonia Marconi em Villaverde tem pouca semelhança com o que era décadas atrás. Não podemos dizer que estas transformações criaram melhores empregos, com mais direitos e mais úteis socialmente. O desemprego aumentou, e o emprego tornou-se mais precário. A estabilidade do emprego foi drasticamente reduzida e a organização sindical também foi diminuída. O processo tem sido imparável. Hoje em dia, existem numerosas áreas industriais de pequenas, médias e até grandes empresas onde quase não existem seções sindicais, conselhos de trabalho ou comitês de saúde e segurança. Às vezes, há apenas conflitos ocasionais e optam pela via judicial onde a defesa jurídica não é feita por advogados trabalhistas de um sindicato, mas por um advogado da Legalitas ou de outra seguradora privada. É importante insistir nos parques de lazer e comerciais, com grandes concentrações de trabalhadores que são explorados sem vergonha, com longas jornadas de trabalho, mudanças de turnos, horários que impossibilitam a conciliação da vida profissional e familiar, trabalho aos domingos e feriados, salários baixos, sensação de insegurança e incerteza, etc. São lugares com alta concentração de trabalhadores, onde há pouca presença sindical, com diferentes empresas e acordos coletivos, subcontratados, etc. Portanto, na maioria dos locais de trabalho, a capacidade de organização, de promoção da consciência de classe e de tecer redes de apoio, defesa mútua e solidariedade foi perdida. É necessário fortalecer as seções e a organização sindical nas inúmeras empresas e empregos onde não há presença sindical. Este não é um problema de Madri, mas um problema global. Em qualquer caso, quase não se tem falado de questões trabalhistas na campanha. Muitas vezes se diz "A esquerda errou", o que geralmente é correto, embora não se diga por

quê.

Neste sentido, não ouvimos ninguém dizer que entre janeiro e fevereiro deste ano ocorreram 11.422 acidentes de trabalho na Comunidade, 84 deles graves, e que nesses dois meses 16 trabalhadores morreram em Madri ao sofrer um acidente de trabalho, sendo a Comunidade com mais acidentes de trabalho fatais. Em 2020 morreram 55 trabalhadores, em 2019 eram 43 e em 2018 65. Em Madri existem graves problemas de exploração de mão-de-obra e pobreza, nos quais devemos insistir. Há mais de um milhão de Madrileños em risco de pobreza [17]. 7,8% da população de Madri sofre de extrema pobreza [18].

## **A campanha eleitoral**

A campanha eleitoral tem sido caracterizada pela ala direita tomando a iniciativa em todos os momentos. Mesmo no debate sobre a indústria hoteleira e de catering, ninguém indicou que as novas franquias de bares e restaurantes estão consumindo os pequenos bares e restaurantes locais de toda a vida. O debate tem sido sobre o que a ala direita tem desejado, escolhendo as questões com as quais se sente mais confortável, com grandes doses de hipocrisia, contradições e demagogia. O slogan reacionário de “eu ou o caos” não é nada de novo. Muito tem sido dito sobre as bobagens e propostas da Vox, sem apontar suas fraquezas e contradições. Dizer que “o fascismo é ruim” não é suficiente, e é necessário argumentar por quê. Primeiro, apontando e ridicularizando suas contradições. Vox insistiu que “as pessoas não querem sair de casa porque a ocupam, e também são assaltadas e violentadas na rua por estrangeiros”, e ao mesmo tempo disseram que “as pessoas querem liberdade, para sair na rua sem restrições e toque de recolher”. Ninguém lhes indicou para começar que o primeiro discurso contradiz radicalmente o segundo. A bandeira do “fascismo ou democracia” foi levantada em abstrato, sem se conectar com amplas camadas da população. O principal problema da campanha da esquerda tem sido cair nas armadilhas da direita para falar sempre da mesma coisa e em abstrato. PSOE, Podemos e Más Madrid compartilharam

o mesmo comportamento: não falar sobre o conteúdo específico do programa eleitoral e compará-lo com o da direita. Estamos falando de programas muito moderados, insuficientes, mas que incluíam propostas atraentes e interessantes, das quais nem mesmo uma boa parte de seus eleitores e seguidores estava ciente. Desta forma, o argumento para convencer a todos ao seu redor foi reduzido a “os fascistas estão chegando”, ou uma defesa da educação e da saúde pública em abstrato, sem propostas concretas. Podemos se deparou com o desgaste de estar em um governo, que não aplicou reformas e políticas de esquerda de profundidade. A reforma trabalhista não foi revogada, qualquer possibilidade de bancos públicos foi removida, enquanto dia após dia se fala em endurecimento do acesso à aposentadoria. Algumas das realizações mais positivas foram aprovadas por pactos entre PSOE e Podemos quando estes últimos não estavam no governo: licença paternidade por 16 semanas e aumento do salário mínimo para 900 euros. Prova de que importantes concessões poderiam ser obtidas sem a necessidade de participar do governo. Em resumo, o fato de Podemos fazer parte do governo estadual não os beneficiou eleitoralmente, pelo contrário. Esta pode ser uma das chaves para a ascensão eleitoral de Más Madrid. E voltando à escassa difusão de seu programa, não foi divulgado que a candidatura de Pablo Iglesias propôs a criação de um banco público autônomo. Estamos falando de uma proposta muito positiva e interessante que não foi objeto de debate com a ala direita, nem de divulgação pública. Embora não esqueçamos que Manuela Carmena tinha em seu programa a criação de um banco público municipal, e apenas dois dias após ter sido investida, a prefeita anunciou que não iria cumprir essa promessa, já que seu programa era “um conjunto de sugestões” [19]. Neste sentido, não podemos esquecer que o governo municipal se caracterizava por renúncias programáticas, tais como a remuneração do serviço de lixo. Ela cedeu à intervenção de Montoro, apesar do fato de que a Câmara Municipal tinha um excedente. Episódio vergonhoso que provocou a renúncia do conselheiro Sánchez Mato. Uma gestão diferente do conselho da

cidade poderia ter sido um bom antídoto para a ala direita. Exatamente o que Montoro queria: evitar um exemplo de gestão municipal positiva com sucesso e apelo social e eleitoral.

Ninguém se lembrou que em 2011 o Ministro dos Transportes nos garantiu que o metrobús não existia, e que em uma década os preços do transporte público subiram exponencialmente. Sobre esta importante questão Podemos não divulgou suficientemente sua proposta de unificar o preço dos abonos sociais para 30 euros para evitar prejudicar aqueles que vivem longe da capital, aumentar o abono social juvenil de 25 para 30 anos, ingresso de temporada livre até 18 (agora é até 6), redução de 75% do preço para aposentados, etc. Sem a intenção de fazer propaganda para o PSOE, eles não explicaram que propuseram um bilhete de temporada gratuito até 14 anos e transporte público gratuito em dias de alta poluição. Estas eram propostas mais atraentes e avançadas do que as do PP, que só propunha transporte público gratuito para os maiores de 65 anos. E o que podemos dizer da Vox, que não propôs em um programa eleitoral de uma página com 10 pontos, um deles sobre a defesa da caça em Madri, em comparação com as 84 páginas do programa PSOE, 26 de Más Madri e 162 de Podemos. Ter dedicado alguns minutos no debate eleitoral televisionado a esses pontos teria ligado mais do que os apelos abstratos sobre o perigo da extrema-direita. Assim como teria sido útil explicar a proposta da Podemos de incorporar a saúde bucal, a assistência psicológica, a fisioterapia e outros benefícios ao portfólio de serviços de saúde pública gratuitos. Mesmo o PSOE incluiu em seu programa uma Lei de Saúde Bucal que, embora insuficiente, incluiu melhorias óbvias. Vox e o PP não disseram nada sobre tudo isso. Podemos incluir em seu programa um limite de preços de aluguel para 30% do salário, 40.000 unidades de habitação social, baixando as mensalidades universitárias para os níveis de 2008, uma proporção de 15 alunos por sala de aula e professor, aumentando o número de professores em mais 10.000, etc. Apesar de serem propostas moderadas, e mesmo insuficientes em alguns casos, se a direita

tivesse sido confrontada nestes termos, o debate teria despertado mais interesse, e o próprio debate e diálogo no dia seguinte no local de trabalho, na rua e no ambiente de todos. É urgente nos armarmos de propostas, programas e argumentos concretos, genuinamente de esquerda, sobre os quais nos unirmos coletivamente. E que estas devem implicar em claras melhorias nas condições de vida e de trabalho, e ser divulgadas, debatidas e ligadas aos trabalhadores, aos desempregados, aos pensionistas, aos jovens. Em resumo, após a derrota eleitoral devemos fugir do “não há nada a fazer”. Pelo contrário. Aqueles de nós que defendemos firmemente a perspectiva da transformação social de um caráter anticapitalista sabem que ainda há muitas coisas a fazer, e que é urgente promover tarefas e batalhas de conscientização, reflexão, debate e lutas para derrotar o fascismo, a ultradireita, o neoliberalismo e o próprio sistema capitalista, antes de mais nada aprendendo e tirando lições dos erros.

## **Notas**

1/ Sánchez Caballero, D “España, entre los países de Europa con menos escuela pública y más concertada”. Eldiario.es, 16/03/2017. España, entre los países de Europa con menos escuela pública y más concertada (eldiario.es).

2/ Sistema Estadual de Indicadores de Educação de 2019. Ministerio de Educación y Formación Profesional. seie-2019.pdf (educacionyfp.gob.es)

3/ González, M: “A escola concertada e privada cresceu em Madri 3,5 vezes mais do que a escola pública na última década”. El boletín, 18/06/2018. A escola concertada e privada cresceu em Madrid 3,5 vezes mais que a escola pública na última década | EL BOLETIN

4/ Hidalgo, S; Sanchez, E: “Seis colegios que separan a sus alumnos por sexos reciben ayudas de educación”. El País, 19/03/2006.

- 5/ Silió, E: "El gasto público en educación difiere hasta en un 63% entre comunidades". El País, 18/09/2018.
- 6/ Grasso, D; Mateo, J.J; Ferrero, B "Madrid paga com fondos públicos plazas de bachillerato en al menos 15 centros privados". El País, 13/02/2020.
- 7/ Grasso, D; Mateo, J.J; Ferrero, B "Madrid paga com fondos públicos plazas de bachillerato en al menos 15 centros privados". El País, 13/02/2020.
- 8/ Torres Benayas, V: "La Comunidad de Madrid trasvasó 51,2 millones más a la concertada en el último año". El País, 01/12/2020.
- 9/ "UGT denuncia a concessão ilegal de terras públicas a escolas subsidiadas". La Vanguardia, 12/03/2015.
- 10/ Ruiz, R: "La escuela concertada teme un gobierno de izquierdas en Madrid". La Razón, 28/04/2021.
- 11/ Hidalgo, J.C: "El sector privado ya absorbe uno de cada dos euros del dinero destinado a la sanidad pública de Madrid". Publico, 27/01/2021.
- 12/ Ruiz, M: "Florentino usa o gitas para fazer negócios para a ACS". Como, 12/05/2013. "Florentino usa os passeios para fazer negócios para a ACS" – AS.com.
- 13/ "Ursino Gallego, catorze anos, morto em Parla pelo impacto de uma bola de borracha". El País, 06/03/1979.
- 14/ Monteiro, F: "A experiência industrial de Getafe". El País, 13/04/1986.
- 15/ Serrano, R: "Greve geral em Getafe em solidariedade com os trabalhadores de John Deere". El País, 20/11/1981.
- 16/ Serrano, R; Monteiro, F: "Getafe, totalmente paralisada ontem pela greve geral". El País, 19/05/1982.

17/ Valdes, I; Sosa Troya, M: "Madrid, un millón de personas en riesgo de pobreza". El País, 18/04/2021.

18/ "El 7,8% de la población de Madrid vive en pobreza extrema". La Vanguardia. 16/07/2021.

19/ "Carmena renuncia a criar um banco público como estava em seu programa". El País, 16/06/2015.